

O Guerreiro

por *Guy Sahri* ©

No momento em que a organização das Artes Marciais está mudando, fui ao encontro de uma das personalidades mais importantes da sua geração, Roberto Sant'ana. Professor de Educação Física, Mestre de Conferência, Especialista de Defesa Pessoal, Instrutor Jiu-Jitsu Brasileiro e 5º Dan JKA, Roberto Sant'ana é Guerreiro. Companheiro de uma tradição que, nestes últimos anos, mal se tem feito a respeitar, é com um grande sentido de realidade e sem idéia preconcebida, que encarna uma certa verdade, às vezes incômoda, que nos interpela.

As suas respostas fazem-nos refletir profundamente sobre a nossa prática e, talvez, far-nos-ão prever um horizonte diferente. Mas além das respostas, Roberto Sant'ana faz-nos descobrir uma profunda e exigente responsabilidade da Arte Marcial. Em toda amizade, ele emite uma forma da Arte que exige modéstia, coragem e paixão. Encontro excepcional !

Ele nos conta

Guy Sahri: Há vários anos você viaja e descobre um patrimônio cultural novo nas Artes Marciais. Qual e a influência destas viagens sobre a sua evolução pessoal na vida e no Karatê ?

Roberto Santana:

Com certeza, posso afirmar que as minhas viagens fora do Brasil tiveram uma grande incidência na minha evolução no Karatê. No Brasil, frequentemente faltava humildade aos Mestres e estes pensavam sobretudo em si mesmos. Na Europa, na África do Sul, nos Estados Unidos, na Dinamarca, nas ex-Repúblicas da URSS, entre outros, os Professores e Expert's continuaram a ser exemplares. Eles fizeram um trabalho muito sério nas Artes Marciais. Infelizmente, no Brasil, o Karatê ficou com mais de 30 anos de atraso com relação a outros países. Hoje percebo uma regressão técnica no Karatê brasileiro. Concebo que, por falta de meios financeiros, certos professores não possam ir treinar no Japão ou em outros Países, mas outros têm a possibilidade e não querem. Consideram saber já bastante e não ter necessidade de aperfeiçoar-se. O que é realmente triste, é que muitas das personalidades confunde a parte técnica com a parte administrativa e querem controlar tudo. Cada coisa no seu lugar, mesmo assim !!

No Brasil, o Karatê estagnou-se e não tem, atualmente, perspectivas de futuro. E, o que é pior, é que não nos ajudamos e que a hierarquia não é respeitada. Durante Seminários ou Cursos, alguns não sabem mesmos colocar graduados no « Seiza ». É a anarquia geral...

A minha evolução no Karatê deve-se particularmente aos meus Superiores do South Africa Japanese Karatê Association - SA JKA, dirigidos por Stan Schmidt que soube, como pessoa, formar uma organização « fortíssima » dentro do seu país. Sempre apoiou os seus alunos que hoje são personalidades importantes na organização. No Grupo, existe 5 ou 6 Expert 7º Dan que trabalham muito com ele, não ele apenas! Ao Brasil, ninguém sabe quando e como os Expert brasileiros trabalham. Isto pode parecer absurdo mas assemelha-se mais a um filme dos anos 50, onde se vê o Sargento Garcia tentando capturar Zorro, que a uma verdadeira organização !

« Um estatuto mais humano... »

Guy Sahri: O Karate Japonês nos parece praticamente inacessível mesmo sendo espetacular. Gogen Yamaguchi o fundador do Goju-Ryu cita: « a alma das Artes Marciais reside na unidade de uma técnica irrepreensível e de uma espiritualidade forte... ». Você acha que o Karate Tradicional está se tornando mais acessível ?

Roberto Santana:

(Sorrindo) Sim... Com uma exceção e algumas organizações que ainda insistem em ignorar que não existimos, talvez esteja melhor finalmente. No Japão existem novas organizações com o Expert e Chefe Instrutor do Karatenomichi World Federation - KWF, Mikio Yahara, bem como o Japan Karatê Shotorenmei - JKS de Masao Kagawa que estão de portas abertas a muito ocidentais. São estruturas com estatuto mais humano. Tenho conhecimento de que excelentes Karatecas estão muito satisfeitos com a acolhida que receberam destes grandes Experts. Enquanto iso algumas organizações estão nadando contra a maré ! As mais jovens mostraram uma evolução interessante. Mas lembre-se...se você não for Japonês, você nunca será tratado como um deles .Logo não será realmente levado a sério. A menos que exista outra coisa, espero que você me entenda !

« Unanimidade mundial... »

Guy Sahri: O que você sentiu ao encontrar-se com Stan Schmidt, Chief Instrutor JKA na África do Sul e Helio Gracie o fundador do Jiu-Jitsu Brasileiro ?

Roberto Santana:

Encontrar-me com ambos foi extraordinário. Quando ainda estava com Taketo Okuda no Brasil, me lembro de ter ouvido falar muito de Stan Schmidt. Takedo Okuda sempre teve muito respeito pelo Karatê de Stan Schmidt. Recordava-nos incessantemente que era um autêntico « Samurai ». Em 1993, ter conhecido pessoalmente Stan Schmidt foi ainda mais mágico que me haviam dito. Além do fato de ser excepcional praticante, nunca conheci alguém tão amável e atencioso. No meu entender, hoje no mundo seria a pessoa que poderia eventualmente ajudar melhor o estilo Shotokan a reunir-se em só uma e mesma organização. Muitas pessoas apreciam-no. Ele é unânime a nível mundial. Você nunca vera alguém dizer que não gosta dele.

No que diz respeito ao Mestre Helio Gracie, posso afirmar que tem uma grande personalidade. Fala de « verdades » que muitos pessoas não gostam de ouvir. Indubitavelmente, é uma lenda nas Artes Marciais. É uma referência mundial na saúde com os seus 94 anos. De resto, ainda treina todos os dias. A meu ver, permanece um gênio, à frente de seu tempo.

Guy Sahri: Nas aulas, como se comportavam Stan Schmidt e Helio Gracie com você ?

Roberto Santana:

Em ambos os casos, sempre fui muito bem recebido. Em 1960, Stan Schmidt e Takedo Okuda participaram juntos do famoso programa de formação interno dos Instrutores « Kenshusei » na sede do Japan Karate Association - JKA em Tóquio. O JKA ou « Nihon Karate Kyokai » abriu o seu primeiro « dojo » em 22 de Março de 1955. Ela foi criado no Japão, em Maio de 1949 por, como Mestre Instrutor, Gichin Funakoshi, o fundador do Karatê moderno. À época, o programa de formação dos Instrutores favorecia a uniformidade e o controlo de qualidade dos praticantes. No correr dos anos, os Instrutores recebiam um diplôma e o direito de exercer. Takedo Okuda ajudou Stan Schmidt no início da sua carreira no Japão e sempre o ajudou desde então. Penso que foi uma das razões principais pelas quais Stan Schmidt aceitou-me e sempre me tratou como um filho. Com Helio Gracie, não tive uma relação tão intensa, mas fiz seminários e encontros importantes com ele. Do pouco que

obtive resta o imenso prazer de ter estado lado a lado com o grande Mestre que ele era. Era a ocasião de ver brilhar nos seus olhos o espírito do « Samurai ».

Guy Sahri: O encontro destas duas personalidades permitiu-lhe fazer mais escolhas na vida ?

Roberto Santana:

Após os meus encontros com estas duas pessoas, várias portas se abriram na minha vida Profissional. Ministrou por toda a parte Seminários de Karatê na América Latina bem como em vários países como a Grécia, os Estados Unidos e a África do Sul. O ano passado tive o prazer de ter sido convidado por um grupo de Karatê do Estilo Goju-Ryu, interessado de ver que no Brasil tem um abordagem da prática do Karatê que foi diferente. À origem, foi o iniciador do Jiu-Jitsu brasileiro na África do Sul e na Grécia.

« Era uma enorme responsabilidade para a época... »

Guy Sahri: Finalmente isto não o torna mais exigente com seus alunos e mesmo às vezes, isto não o leva a exigir deles além de suas capacidades ?

Roberto Santana:

Após todos esses anos de relacionamento com Stan Schmidt e com muitos de meus Seniores do South Africa Japanese Karate Associação - SA JKA, aprendi a ter uma abordagem mais leve em minhas aulas. Pessoalmente, eu não acho que o modelo Japonês seja uma referencia no ensino do Karate para nós aqui do Ocidente. Questão Cultural, talvez ! Na minha cabeça o Karatê japonês permanece para os Japoneses, mesmo que ele tenha evoluído muito com Masatoshi Nakayama, que passou muitos anos da sua vida em contato com o Mestre Gichin Funakoshi. E importante ressaltar que, a partir de 1954, Nakayama encontrava-se sozinho na Japan Karate Associação - JKA. Era uma enorme responsabilidade para a época. Trabalhava suas idéias de desenvolvimento do Karatê por meio da competição, como faziam então o Judo e Kendo. É o pai do Karatê Desportivo...

No início dos anos 50, Mestre Gichin Funakoshi foi frequentemente convidado a visitar as bases do exército americano instaladas em todo o território japonês. De maneira bastante inesperada parece antes ter sido impressionado pelo acolhimento, a hospitalidade e a consideração que recebeu do exército americano. Aquilo teve certamente um efeito tão profundo para os Americanos que o convidaram a visitar a América. Para esta viagem histórica, levou consigo Isao, Obata, Toshio, Kamota e Nakayama. O « U.S. Strategic Air Command » instituiu então um programa de treino nas Artes Marciais e enviou os seus Instrutores de Condicionamento Físico no Kōdōkan em Tóquio para aprender o Judo, o Karatê e o Aikido. Estas pessoas que, por conseguinte, receberam um treino limitado em Karatê, voltaram em seguida aos Estados Unidos para começar a ensinar. Nessa época, a mesma situação foi produzida no Japão; no meio dos anos 50, cerca de 200 supostos estilos de Karatê foram criados. Infelizmente, esta emigração acelerada teve por consequência um empobrecimento do aspecto espiritual e filosófico desta Arte Marcial. Com efeito, muitos Instrutores não tinham um conhecimento suficiente do Karatê para apreender toda a sua profundidade. Numerosas formas adaptadas e grupos rebeldes fizeram o seu aparecimento, alguns até na América do Sul e no Brasil. Nakayama, logo, decidiu criar o programa de Instrutores da Japan Karate Associação - JKA a fim de assegurar-se de que o verdadeiro « Karatê » fosse ensinado. Nesta tarefa era assistido pelos célebres Hirokazu Kanazawa, Keinosuke Enoda, Hiroshi Shoji, Okazaki Teruyuki, Hiroshi Shirai, Taji Kase e Hideo Ochi. Ele sabia apropriadamente que deveria alterar o sistema de ensino de modo que todos pudessem aproveitar plenamente do Karatê. Esta aposta teve êxito somente após o Curso que deu no « U.S. Strategic Air Command » baseado no Japão. Em seguida ele revisou os conceitos e os adaptou ao ensino dos caucasianos...

« Corre-se o risco de chegar à mesma situação... »

Guy Sahri: Você acha que com a possibilidade de o Karatê tornar-se um esporte olímpico, as coisas vão melhorar? Como?

Roberto Santana:

Não. Muito pelo contrário, não creio. Acho que há o risco de seu espírito morrer, assim como foi para o Judo. Não tem mais realmente técnica do Judo. Hoje, só o rendimento desportivo importa, e é uma pena!! Com o advento do Karatê Desportivo corre-se o risco de chegar à mesma situação. Quantos Dojos ensinam ainda o verdadeiro Karatê Tradicional ? Alterou-se as regras para mais segurança desportiva diante do prazo Olímpico. Mas, a meu ver, se se retirar o espírito do « Karatê », ele deixará de existir. Num combate, o medo a ser atingido fisicamente traz mais responsabilidades. « Ichigeki Hisatsu », em japonês, matar com um golpe. É um conceito que não pode existir e não existirá nunca em competição de Karatê Desportivo.

« Uma certa dimensão espiritual do mundo... »

Guy Sahri: Com os conflitos numerosos nestes últimos anos. A sua prática pessoal é mais em nível espiritual ou mais determinada em relação ao crescimento da violência mundial ?

Roberto Santana:

Pratico Arte Marcial. Nunca fui muito apegado ao aspecto esportivo do Karate, ainda que para mim o Karatê ofereça muitas vantagens neste nível. Reconheço que aquilo me ajudou na minha formação como homem e deu-me uma certa dimensão espiritual do mundo no qual vivemos, uma grande confiança, um respeito aos valores e uma auto estima. Tudo que adquiri até a hoje, minhas viagens, meus amigos, minha família, em grande parte devo tudo isso ao Karatê.

« Veiculamos a sua cultura... »

Guy Sahri: Apesar de um enorme problema de infra-estrutura, de formação, de educação nas Federações e Confederações Nacionais o Karatê se sai bem na América do Sul. Você acredita que o Karatê é importante na Educação e Formação do seus praticantes ?

Roberto Santana:

No Brasil, o Karatê começou mal. Com a chegada da imigração japonesa após a segunda guerra mundial, os poucos Japoneses que chegaram mentiram completamente sobre o seu nível de graduação e de formação. Foram considerados como « Deuses » vivos. À época, poucas pessoas perceberam. Graças a Deus, fui uma de elas!... (Rindo). Tivemos, no Brasil, um Professor formado no Japan Karate Associação - JKA. Não foi apoiado por nenhum Japonês do Brasil. Em contrapartida, os « Mestres » japoneses que residem no Brasil clamavam que este professor não havia terminado a sua formação. Para mim, eram palavras sem nenhum fundamento. Infelizmente a mentalidade humana está mesmo assim. Os Japoneses não suportavam ver alguém ter sucesso na sua área profissional. É por isso que o perseguiram. Penso que no seio de uma organização do seu próprio país, o Brasil, este professor teria obtido sucesso. Mas os Japoneses não tinham interesse em tê-lo na sua organização. Não suportavam ter um Karatêca estrangeiro, enquanto que veiculamos a sua cultura ! Nesta história, os que perderam imensamente foram em grande parte os praticantes da América do Sul e sobretudo os Brasileiros...

« Uma política que boicota miseravelmente este tipo de encontro... »

Guy Sahri: Recentemente você participou de um Seminário juntamente com várias pessoas das quatro principais escolas de Karatê do Brasil. Vocês atingiram o objetivo desejado ?

Roberto Santana:

Sim. Atingimos, mas fiquei triste em ver que não há grande interesse por outros estilos além do Shotokan. Existem pessoas, grupos, até mesmo uma política que boicota miseravelmente este tipo de encontros, enquanto que no Brasil a Lei e a Constituição Federal de 1988 protegem os praticantes bem como as suas organizações. Estes « Mestres » que citei previamente não deixam nenhum dos seus alunos participar destes eventos, de medo, sem dúvida, que eles não voltem mais a seu Dojos. Porque ? Talvez porque os seus alunos apercebem-se que foram enganados ?

« O Grande Desafio... »

Guy Sahri: Com os resultados do Seminário você pensa em alterar alguns aspectos do programa ?

Roberto Santana:

Temos alguns planos para melhorar o Karatê no Brasil e na América Latina. Não somos um grupo político. Somos um grupo de formação e de informação. O grande desafio será aumentar o nível técnico e prático do nosso Karatê. Gradualmente, pouco a pouco chegaremos lá, isso se deixarem que façamos corretamente... (Rindo).

« Os herdeiros da tradição... »

Guy Sahri: Você pensa em vir à Europa, principalmente na França, encontrar-se com companheiros especializados em Karatê ?

Roberto Santana:

(Sorrindo)... Estou impaciente por isso. Certamente, gostaria muito de ir na Europa. Especialmente na França onde reconheço que o Karatê tem uma grande qualidade e uma grande personalidade. Admiro a escola francesa e particularmente os herdeiros da tradição como Dominique Valéra desde que comecei minha formação em 1974. Como muitas pessoas, foi uma referência na minha vida de Karateca e será um prazer conhecê-lo pessoalmente. Respeito imensamente o trabalho de Henry Plée, o iniciador e o pai do Karatê na Europa e na França. Igualmente, Roland Harbersetzer, grande escritor, especialista das Artes Marciais, Daniel Lautier e Jean-Pierre Fischer que tive ocasião de encontrar rapidamente no Japan Karatê Associação - JKA, bem como os Experts Federais como Jean-Pierre Lavorato, Hiroo Mochizuki, Bernard Bilicki, Yoshinao Nambu, Hirosho Aosaka, Alain Setrouk, Serge Chouraqui, Hidetoshi Nakahashi, Roland Hernaez, Giovanni Tramontini, Francis Didier, Claude Boucabeille, Bernard Dumoulin, Kazukata Otsuka, Yuichi Sato, Kenji Tokitsu, Eiji Kawanishi, Gérard Gazzini, Kenji Nakata, Naoki Omi, Tsutomu Kamohara, Hiroshi Okubo, Claude Petinella, Yukinobu Shimaburo, Gilbert Gruss, Seisuke Adaniya, Ryoza Tsukada, Thierry Masci, Guy Sauvin e muito mais, as referências no Karatê mundial !

« Os Estilos vieram de fontes diferentes... »

Guy Sahri: Você crê na unidade como queria o fundador do Karatê Gichin Funakoshi, um Karatê com Estilos diferentes para todos mas feitos por todos ?

Roberto Santana:

Não, não creio nisso. Sabemos que os estilos vieram de fontes diferentes. Devem ser preservados. Durante as competições temos sempre problemas devidos às variações de cada uma das escolas.

Fora das competições as coisas têm um andamento natural dentro dos diversos estilos de Karate. Todos se respeitam, mas na hora da competição, infelizmente, vemos que a verdadeiro face de cada um aparece. É uma verdadeira guerra de ego.

« É uma corrida contra o relógio... »

Guy Sahri: Como você acha que o Karatê estara nos próximos 10 ou 15 anos ?

Roberto Santana:

Com o advento profissional dos eventos desportivo e o K-1 no mundo, acho que o Karatê perde sua essência. É uma corrida contra o relógio. Não existe no Karatê um verdadeiro profissionalismo como existe no Futebol. Certos encontros como as Copas ou Torneios Abertos permitem aos atletas ganhar um pouco de dinheiro, mas não, certamente, sobreviver graças às aulas que dão no Dojos. Os encontros como o K-1 são mais profissionais. Temos hoje Lyoto Machida, apelido « The Dragon », filho de Yoshizo Machida, 8º Dan e Instrutor JKA que vem de uma família tradicional do Shotokan do Brasil e que migrou para o K-1. Ele treina com seu pai, promovendo sempre o nome do Karatê no mundo das Artes Marciais. Mostra sempre muito respeito para os seus adversários. Atualmente não creio que o Karatê tenha um futuro que lhe possa garantir continuar a ser competitivo...